

## “Deficiente Mental - Por que fui um ?”

Espíritos Diversos

Psicografia de Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

Cooperação do Espírito de Antônio Carlos

Alguns anos atrás, assisti a uma palestra de um médico que muito me impressionou. Ele era pai de uma menina excepcional. Dizia ele:  
"Há duas maneiras de ver uma árvore. A primeira com os olhos de um capitalista que só visa lucros e enxerga milhares de caixas de fósforos ou folhas de papel ...

A segunda com os olhos da alma, que admira suas folhas, aprecia o perfume das flores e deleita-se à sua sombra, saboreando seus frutos ..."

Foi dessa segunda maneira que aprendi com ele a encarar um excepcional, que, como a árvore, é dádiva de Deus, a própria luz materializada no milagre da vida !

E é assim que eu vejo nestes relatos de experiências através de reencarnações ...

Dr. José Roberto Leite  
Médico Pediatra e Homeopata

Leme, SP, outubro de 1997.

\*\*\*\*\*

### **Dedicatória**

Nossa admiração e respeito aos que amam, cuidam e orientam aqueles que por algum motivo passam por uma encarnação com deficiência.

### **Conclusões de Antônio Carlos.**

Somos o que realizamos. Imprudentes, muitas vezes não damos valor ao que recebemos de graça para progredirmos espiritualmente.

Depois que o indivíduo mergulha num estado de perturbação profunda, não há como ele se reajustar, refazer por si próprio. Um escravo não consegue libertar outro escravo. Só um liberto consegue libertar um escravo. Portanto, só um equilibrado pode ajudar um desequilibrado. É

assim que Deus socorre Seus filhos, por meio de Seus próprios filhos. Essa é a necessidade que temos de ajudar uns aos outros, pois nós próprios ainda não encontramos harmonia total de viver. Ao ajudar os mais necessitados, estamos esquecendo de nós mesmos, exercitando a unidade do ser humano e nos predispondo a receber o auxílio daqueles que estão melhores que nós. Portanto, ajudar não é caridade e nem abnegação, é uma necessidade de bem viver.

Lembrei agora de um exemplo bem simples:

Uma senhora, tendo uma casa no litoral, ficando tempo sem ir, sem usá-la, deixou-a em desordem e na sujeira. Querendo usufruí-la, arrumou três faxineiras para ajudar a torná-la habitável. Ela e as três senhoras trabalharam o dia todo limpando, arrumando-a e, no final do dia, a proprietária exclamou:

"Está em ordem!"

Pelo uso indevido ou por falta de uso, por descaso e por muita imprudência, deixamos nosso espírito em desordem, desequilibrado, e teremos um dia de colocá-lo novamente em harmonia.

É um trabalho intenso de organização, de recuperação, em que sempre temos que contar com a ajuda alheia.

"Que faxina! Que grande faxina!" - Disse-nos nossa amiga, Deise, que tem no filho, Fábio, sua grande experiência. "É trabalho para uma vida toda!"

Sim, é verdade, Deise sabe disso, porque sua luta não é só para recuperar seu filho, mas outros tantos deficientes também. Ela nos ajudou emprestando livros e com pesquisas, colaborando conosco na realização deste livro. E lhe somos muito gratos.

Não temendo o trabalho, Deise poderá dizer como muitos outros pais.

Feito! Conseguimos! Como essa realização faz bem!

Todos esses fatos mencionados não haveria necessidade de acontecerem.

Vivemos hoje os resultados das nossas ações do ontem. Portanto, o homem é quem decide, por meio de suas atitudes de hoje, como será sua vida no futuro. Se pararmos um pouco e olharmos com carinho e atenção para esta realidade, vamos excluir das nossas existências oitenta por cento de dores, angústias e conflitos, que são resultado da vida egoísta e maldosa que hoje estamos vivendo. Deus não tem por princípio castigar seus filhos, pelo contrário Ele tudo nos concede para que Sua manifestação no homem e fora dele, seja uma apoteose de plenitude.

Fim.

Algumas palavras do nosso amigo, **José Carlos Braghini**.

Hoje o nosso planeta passa por momentos difíceis e perturbadores, vemos o lixo do passado aflorando como agressões de maldade, ódio e desrespeito ao semelhante. Vemos o homem, nossos filhos, nossos entes queridos, se destruindo no vício das drogas, do álcool, da animalidade. Vemos também o protótipo do futuro, espíritos que amam profundamente e dedicam suas existências para o bem coletivo. Homens que lutam por construir a igualdade entre os homens, a felicidade para todos, enfim, por um novo céu e uma nova terra.

E temos a oportunidade ímpar de aqui estar e participar do início da construção de um novo mundo.

Se conseguirmos vencer os impulsos inferiores herdados da raça e do ambiente hostil de hoje, não só seremos os alicerces dessa nova humanidade, mas realizaremos. Mas muito melhor do que estarmos realizados é que nós dignificaremos, com a personalidade que hoje representamos, e participaremos efetivamente do esforço da natureza em fazermos o melhor de todas as criaturas.

São Sebastião do Paraíso, outubro 1997.

\*\*\*\*\*

### **Adolpho**

É com muito prazer que aproveito a oportunidade de ditar minhas experiências com a intenção de alertar a todos, principalmente meus irmãos que no momento estão encarnados.

- Dol... Dolf... - falava com dificuldade.

Não conseguia pronunciar direito as palavras, falava pouco, errado, e era assim que respondia quando alguém indagava meu nome. E sempre, ou meus pais ou minhas irmãs, respondiam por mim. Escutava-os com alegria, achava meu nome lindo.

- O nome dele é Adolpho.

Eu tentava repetir mentalmente, mas na hora de falar atrapalhava-me e só saíam pedaços.

Era o filho mais velho, depois de mim nasceram Iana e Margareth, a Gá, que muito me amou.

Pensei muito em como descrever minha última encarnação. Achei melhor fazê-lo como a senti, e depois dando algumas explicações que só

entendo agora, após recuperado e sentindo-me sadio.

Arrastava-me pelo chão, às vezes sentia arder as palmas das mãos, pernas, mas não ligava, pois só assim ia aonde queria. E queria pouco, andar pela sala, tentar mexer no rádio. Gostava de músicas. Sabendo disso, mamãe ou Gá ligava-o para mim. Era estranho, daquela caixinha saíam vozes agradáveis. Não conseguia entender como aquilo funcionava, mas gostava. É tão estranho isso! Muitos não usufruem de vários objetos sem saber o porquê de eles funcionarem? Quando me interessei pelo rádio, achei que havia alguém escondido, depois que havia pessoas dentro da caixa. Mas, se possuíam vozes bonitas e me faziam alegrar, só podiam ser boas.

Às vezes, em raros momentos, me entristecia, conseguia ver, percebia que era diferente, mais feio, mole e que não conseguia andar e falar como os outros. "Por quê?" - Indagava-me. "Por que não posso? Não consigo?" Isso passava logo. Distraía-me com alguma "coisa"\*. Gostava de observar mamãe, era tão bonita, meiga e boa. Ela movia as pernas com facilidade, andava, eu queria tanto fazer igual! Até tentava, caía e chorava, às vezes porque doía algo ou então por não conseguir imitá-la. Não pensava muito. Era estranho, as idéias vinham rápidas, e como vinham, iam.

“Adolpho usa muito a palavra a "coisa" e preferimos deixá-la e colocá-la entre aspas. Cita, a cada uma delas, certas referências, particularidades.”

Se sentia fome, fazia sinal com a mão, sabia onde estavam os alimentos. Logo me traziam. Davam-me na boca. Gostava, sentia uma sensação agradável. Preferia o mingau amarelo, era mais saboroso, e eu comia tudo. Ria...

Não gostava de ficar molhado e às vezes sujava e sentia cheiro desagradável. Demorei para entender que era eu quem fazia aquilo. Mamãe foi me explicando, mostrando, e consegui entender que podia pedir para fazê-lo e assim não me molhar ou sujar. Mas, infelizmente, às vezes não conseguia pedir e fazia na roupa, ficando incomodado.

Logo que desencarnei essas lembranças me deixavam triste. Hoje, anos depois, entendendo o porquê de tudo, vejo, narro como se fosse um filme não apenas visto mas sentido. Sou grato ao Pai Maior pela oportunidade do recomeço, da reencarnação, aos meus pais, às minhas irmãs e principalmente à doce e meiga Gá, por ter cuidado de mim com tanto carinho. Como narrarei depois, meu pai e eu estivemos juntos em outras encarnações. Mamãe não, nos conhecemos nesta, esse espírito bondoso me acolheu com amor e dedicação. Iana e eu somos velhos conhecidos, ela me incentivou ao erro, nesta me quis bem, mas tenta aprender, luta com suas imperfeições, esteve junto a mim, porém distante. Margareth, a irmã

que realmente esteve ao meu lado me ajudando, me quis muito, não éramos conhecidos, mas bastou esta encarnação para nos tornar- mos realmente amigos, ela aprendeu a amar.

Voltemos às minhas lembranças. Gostava de brinque- dos, de brincar, tinha preferência por uma bola amarela que chamava de "bó"! Ria ao vê-la pular, queria fazer como ela, mas não dava certo, não conseguia, achava-a linda. Também gostava de sair, passear, como era agradável ver a rua, as pessoas passando, achava-as tão bonitas!

Não gostava, tinha horror a médicos, chorava ao vê-los e repelia se achava alguém parecido com um. Era, para mim, o "me", alguém que mexia comigo e me dava algo que doía, doía. Era injeção, eu não sabia nem falar. Eta palavra difícil para mim! Mas um dia, surpresa! Após ir ao médico, que me olhou o rosto, examinou minha visão, mamãe colocou "a coisa" no meu rosto, óculos, vi tudo melhor. Que sensação gostosa olhar mamãe, Iana e a minha Gá. Via-as bonitas e vi tudo melhor. Gostei da "coisa", a que chamei de "pó".

Entendia pouco, por mais que Iana e Gá tentassem me ensinar algo, não conseguia aprender.

- Você é burro!

Iana dizia sempre e eu ria. Porém, por momentos sentia que tudo que elas tentavam me ensinar era fácil. Por que não conseguia aprender? Fazer? Mas logo passava e ria, ria...

Tinha dores. Doía, chorava e preocupava todos.

- Mostra, Adolpho, mostra com o dedinho onde dói!

Dizia Gá ou mamãe, pegando minha mão, mostrando o dedo. Balançava a cabeça negando, não, meu dedinho não doía. Às vezes a dor passava por si só ou com analgésicos.

Até que um dia Iana teve dor de dente, e o dentista extraiu seu dentinho de leite e foi um estalo. Papai disse:

- Iana teve dor de dente, será que Adolpho também não tem?

- Meu Deus! - Exclamou minha mãe. - Será que ele está chorando de dor de dente? Levá-lo-ei ao dentista, e hoje mesmo!

E o fez. Gostoso ir passear. Colocaram-me num carrinho, que não era pequeno, era grande, pois eu era gordo e pesado. Tive medo, muito medo mesmo, do consultório e do senhor risonho que me atendeu. O dentista era conhecido dos meus, atendia toda a família, sabendo do meu medo, tentou me agradar.

- Sim, o menino tem dentes cariados e está tendo dor de dente - afirmou ele a minha mãe, após examinar minha boca.

Não foi um tratamento fácil. Não parava quieto e tinha tanto medo que tremia, apavorado. Sentia-me mal, suava, babava, e muitas vezes sujava

as calças.

Todos tinham dó de mim. Meu medo não era compreendido. Mamãe levou-me ao dentista porque sabia da necessidade de tratar dos meus dentes. Sofria mais pelo temor do que pelo tratamento.

Até que tinha uma pequena compreensão de que aquele senhor risonho não estava me castigando e que depois me sentiria aliviado sem as dores agudas na boca. Mas tinha um medo terrível.

Tinha a saúde frágil e muitas crises de bronquite. Mamãe, sabendo do meu medo, levava-me ao médico só quando estava realmente mal. Aí, teve uma idéia, chamar o médico em casa. Em meu ambiente conhecido não te- mia tanto, e Gá segurava minha mão com força, dizia me acalmado:

- Adolphinho, calma, não fique nervoso, irmãozinho querido, Gá está aqui, nada de mau acontecerá com você.

Entendia? Não, pelo menos não o sentido das palavras, mas sentia a sua vibração de amor. E como isso me fazia bem! Confiava na Gá.

Iana gostava de brincar comigo, era o seu bebê, sua boneca. Gostava, mas logo ela perdia a paciência e gritava comigo:

- Menino bobo!

Aí achava ruim e, às vezes, vinham as palmadas que ela me dava, que ardiam, então chorava. Mamãe e Gá me acudiam e Iana, às vezes, era castigada, não gostava de vê-la chorar, chorava mais ainda. Muitas vezes, nas suas brincadeiras, Iana tentava me pegar, certamente não conseguia, era pesado para ela, então minha irmã me arrastava pelo chão, puxando-me pelas pernas e braços. Gostava até que me doía algo, aí chorava.

Gá não, nunca me fez algo que doesse. Gostava tanto quando ela sentava no chão, colocava minha cabeça no seu colo, cantava para mim, passava suas mãos delicadas na minha cabeça e no meu rosto. Que bom! Como o amor é confortador! Chegava a cochilar. Como gostava de receber seus beijos, tentava também beijá-la. Para mim isso queria dizer: "Amo você, é importante para mim". Dava um beijo estranho, tentava imitá-la, fazia careta, bico e babava. Gá ria achando bonito, e eu ria alegre, nesses momentos fui realmente feliz pelo que tinha.

Se em raros momentos sentia-me diferente, foi porque meu espírito sabia que estava preso num corpo deficiente, com o cérebro danificado por uma causa física. Lógico, o cérebro físico adoece. E por quê? Certamente tem as causas e as explicações por meio do espírito que habita nele.

Porque é difícil nós, na roda dos renascimentos, ser- mos totalmente isentos de erros. Pode acontecer até um acidente que danifique o feto, o corpo físico, e o perispírito ser e continuar perfeito. Muitas vezes

amigos do reencarnante podem desligá-lo da matéria defeituosa, porque, se ele tiver algo para realizar, não será possível num corpo deficiente. Há então o desencarne e ele fará nova tentativa. Ou então esse espírito aproveita a oportunidade e faz da deficiência um grande aprendizado.

Tive muitas doenças, o sarampo quase me fez desencarnar. A febre alta me fazia delirar. Via-me como médico e tremia de medo. Nos meus delírios, andava normalmente examinando pessoas, não gostava, preferia me arrastar no chão a ser aquela pessoa, o médico. Que horror! Eram terríveis pesadelos. Foi um alívio sarar do sarampo. Mas estava sempre com as crises de bronquite, era tão ruim ter dificuldade para respirar...

Não gostava de "coisas" ruins, de remédios. Até que de uns gostava, de outros não e então os cuspi. Gá falava comigo para engoli-los, mamãe também, mas os cuspi. Mamãe um dia ficou brava comigo:

- Adolpho, tome seu remédio, senão o levarei ao hospital, onde tem médicos!

"Os' (hospital) não" - pensei e tomei.

Virou chantagem. Certo? Não me cabe julgá-los. Não fizeram por maldade. Desconhecendo as causas do meu pavoroso medo, não conseguiram entender a profundidade dele. Mamãe sofria junto comigo. Eram noites e noites tentando aliviar meu tormento, em que ela e papai passavam sem dormir. Remédios caros. E eram eles que me aliviavam um pouco. Papai ganhava razoavelmente bem, morávamos em casa própria. Mamãe não podia trabalhar fora porque eu lhe dava muito trabalho e não podia ficar sozinho. Não tinha onde me deixar. Morávamos numa cidade pequena, e lá não tinha, na época, uma escola especializada para mim. Privaram-se de muitas "coisas" por minha causa. Desde saírem de casa, irem a festas, até viagens, e minhas irmãs de terem o que queriam. Gastavam muito comigo.

Fiz 18 anos, meses depois tive uma forte crise, a pior de todas, e o médico foi chamado. Bondosamente ele veio em casa me examinar. Brincou comigo como sempre, tentando não me assustar.

- Oi, menino Adolpho! Vim vê-lo! Olhe que bonito!

Mostrou seu estetoscópio, balançando-o. Dessa vez, embora com medo, não reagi, isso o preocupou. Sentia-me tão fraco que o pouco de força que tinha usava toda para respirar. Sofria.

Quando recordei meu passado, vi também os principais acontecimentos desta minha última encarnação. Como disse, foi como ver um filme, só que real. Por isso posso dizer particularidades, como o médico preocupado, meus pais aflitos, etc.

O médico me examinou e falou aos meus pais. Eu ouvi. Compreendi? Não as palavras, mas senti a situação:

- Adolpho está mal, seu coração está falhando. O melhor seria levá-lo para o hospital.

- "Os" não! - Balbuciei, arregalando os olhos.

Comecei a chorar, piorando a crise.

- Você não vai!

Papai me olhou e falou firme, segurando meus braços. Confiei e me acalmei.

- Terá chances de ele ir lá e melhorar? - Indagou ma- mãe, segurando-se para não chorar.

- Não sei... - falou o médico, preocupado. - Acho que Adolpho só virá a piorar. Não entendo seu medo, mas sei bem que o temor no seu estado só piorará sua situação.

O médico passou a mão carinhosamente no meu rosto. Estava quase que sentado na minha cama de grade. Estremeci. Ele se afastou. Papai aproximou-se para me acalmar, disse, segurando minha mão:

- Adolpho, meu filho, você fica em casa! Daqui você não sai!

Sorri, estava com dores e sentindo muito desconforto, mas sorri, papai me protegeria.

O fato é que ficaram os dois indecisos, resolveram não me levar para o hospital, mas sofreram com a indecisão. Decidiram pelo que acharam que era melhor para mim, e realmente o foi. Com meu pavor, sofreria muito mais se tivesse ido. Quero deixar claro que esse é um caso específico, meu, que particularidades assim devem ser analisadas com muito critério.

- Se ele está para morrer - disse mamãe -, que o faça em casa e conosco. Teme tanto o hospital e os médicos que seria judiação levá-lo para um, sem chances de melhorar.

O médico também deu sua opinião. Talvez, se ele entendesse a pluralidade das existências, saberia analisar melhor o que ocorria comigo.

- Adolpho tem muito medo de médicos, não deveria, certamente foram vocês a lhe passar medo. Mas agora não é hora de saber as causas. Ele tem medo, isso é real para ele. Com o coração tão frágil, acredito que com o pavor que sentirá lhe será muito prejudicial. Vamos cuidar dele em casa.

- Prometi a ele e cumpro! Adolpho não sairá daqui! - Exclamou meu pai. - E o senhor se engana, não passamos medo a ele. Acho que esse medo é porque ele, desde pequenino, é muito doente, talvez tenha na sua cabecinha ligado a dor a médicos e conseqüentemente a hospital, que para ele significa médicos. Ele nunca foi a um hospital, só quando nasceu.

Assim fiquei dias em casa, no leito, muito doente. Tentava sorrir para a Gá ou Iana, quando elas brincavam comigo. Sentia-me cansado, tremendamente fraco, com dores por todo o corpo e com muita dificuldade para respirar.

Não senti e nem percebi a minha desencarnação. Quando dei por mim,



estava num local parecidíssimo com meu quarto, mais enfeitado e com muitos brinquedos. Minha respiração estava quase normal, e não tinha mais dores. Senti-me aliviado.

Desencarnei e fui socorrido imediatamente, levado ao Educandário, local para crianças em uma Colônia muito bonita. Todas as Colônias são bonitas. Estava abrigado numa parte, ala especial para os que foram encarnados deficientes mentais. Crianças? Sim, embora com 18 anos na matéria, era uma criança, sentia-me uma. Quarto parecido com o meu? Sim, isso acontece muito no plano espiritual, para que não estranhemos muito. Mais enfeitado e com muitos brinquedos? No Educandário há alegria, tudo é feito para alegrar seus abrigados e normalmente crianças gostam de locais alegres, enfeitados e de muito carinho.

Minha família sentiu meu desenlace. Porém, compreenderam que foi melhor para mim. Eram católicos, iam à igreja, só que não me levavam. Às vezes, Gá ou Iana tentavam me ensinar a rezar. Agora, ali no leito, lembrei com mais facilidade dos dizeres delas:

"Menino Jesus de Belém, eu lhe quero muito bem!"

Ri contente. É fato que eles rezavam muito por mim, imaginando-me no céu. Isso é importante, quando nos imaginam bem, nos mandam pensamentos otimistas, que nos ajudam muito. Os meus familiares, que amo muito, imaginaram-me num lugar bom, sadio, sem dores, alegre e feliz. Era tão forte nossa relação que quis sentir o que eles imaginavam. A vontade é quase tudo e no meu caso significava muito. Não tive dó de mim e isso me auxiliou.

A vida deles depois do meu desencarne mudou e para melhor. Após um período de descanso, mamãe arrumou um emprego, as finanças melhoraram, as meninas puderam ter roupas novas e estudar em escolas melhores. Puderam passear e até viajar. Porém vivi sempre nas suas lembranças de forma carinhosa, e Gá, adulta, fundou na nossa cidade uma escola especializada para deficientes mentais e sempre menciona com ternura fatos referentes a mim: "Meu irmãozinho Adolpho..."

Fui, sou tremendamente grato a eles.

Bem, acordei no Educandário, num quarto que achei lindo, examinei tudo olhando cada canto. Estranhei e comecei a chorar. Logo um senhor e uma moça se aproximaram do meu leito. O homem disse sorrindo carinhosamente:

- Adolpho, que se passa com você? Que sente? Quer tomar água? Quer passear? Ouvir música?

Queria tudo aquilo, o senhor adivinhou do que eu gostava (sabia). Mas queria mamãe e Gá.

- Ah! - Disse a moça me abraçando. - Vamos passear, colocarei você no carrinho e o levarei ao parque para ver outras crianças. Vou ensiná-lo a andar. Quer? Claro que quer!

- Pó! - Exclamei.

- Ah! - Respondeu a moça. - Seus óculos! Não precisa mais deles. Você não está me vendo? Vamos aprender a dizer certo. Óculos!

Gostei deles, tanto do senhor como da moça. Passei a mão no meu rosto, de fato não estava com eles e enxergava bem. Era agradável, estava tanto ouvindo como enxergando perfeitamente. Ri alto e tentei repetir.

- Úlos!

- Melhorou! Vamos passear! Vou trazer para você um rádio de presente. Sou tia Estefânia e este é o tio Walker. Amamos você!

Os dois novos amigos colocaram-me num carrinho bem mais bonito que o meu e me levaram para passear. Amei tudo que vi. Chamei com a mão um passarinho e ele veio cantando para o meu dedo. Ria, ria...

As atividades eram muitas, aulas para aprender a andar, falar e, surpresa: aprendi com mais facilidade, como sarei, meus dentes tornaram-se perfeitos como a visão e a audição, não tive mais dores. Senti saudades de casa, dos meus pais, das minhas irmãs, mas fui também compreendendo que tinha ido morar em outro lugar.

Tempo depois, dois anos, estava normal, a fazer pequenas tarefas, como distrair os recém-chegados. Agora falava corretamente. Entendi que meu corpo deficiente morreu, que desencarnei, e achei tudo normal como realmente é. Não existe desencarnação igual, nada no plano espiritual é regra geral. Mesmo desencarnado sentia-me deficiente, porque meu corpo perispiritual estava doente antes de reencarnar. Necessitei recuperá-lo na matéria física e nesses dois anos no plano espiritual.

Mas... Como há "mas" em nossas vidas até que aprendemos a conviver harmoniosamente! Continuava com medo de médicos, agora não tinha pavor, mas não gostava nem de vê-los, necessitava resolver esse problema.

Dona Marga me atendeu para uma consulta. Essa senhora é psicóloga.

- Ah! - Disse ela carinhosamente. - Vamos ajudá-lo a compreender o que se passa com você. Esse medo o incomoda?

- Sim, senhora - respondi -, incomoda. É chato, aqui há muitos profissionais da medicina que tanto bem fazem e mesmo assim os temo. Depois, não quero reencarnar com esse medo, que provavelmente continuará depois de encarnado. Dona Marga, tenho também certas lembranças, me vejo em outro corpo, bonito, jovem, a examinar outros e...

- Adolpho, você não aprendeu que nascemos muitas vezes em corpos diferentes? Você reencarnou muitas vezes.

- Sei! Mas não gostaria de ter sido esse homem - falei triste.

Foi um tratamento longo, que parei muitas vezes por- que me recusava a recordar. Nada me foi imposto. Mas as lembranças vinham espontâneas e eu não as queria. Dona Marga me explicou que fixei muito na minha mente

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

